

# A PALADINA AMÉLIA RODRIGUES E A SILENCIADA MARIA AUGUSTA GUIMARÃES

Ivia Alves<sup>1</sup>

## RESUMO

Pesquisar e analisar a produção de autoria feminina de outros séculos encontram alguns impasses. O estudo mostra como o acervo de Amélia Rodrigues ficou disperso não só na Bahia como pelo país (mas se não reunido, pôde ser trabalhado); no caso de Maria Augusta Guimarães torna-se mais ingrata a situação, pois sendo seu livro publicado alguns anos depois de sua morte, só temos o registro dele. Seu acervo não está em nenhum lugar público e não se encontra a família. Tratamos aqui das estratégias e dos tratamentos diferenciados. Ou melhor como trata a epígrafe “há muitas que pelas contingências do tempo e dos posteriores jamais conseguem” ter sua trajetória reconstituída”

**Palavras-chave:** Feminino. Amélia Rodrigues. Acervo.

## The outspoken Amélia Rodrigues and the silenced Maria Augusta Guimarães a study of archives

## ABSTRACT

To research and analyse the production of feminine authors of other centuries often comes to certain dead ends. The study shows how the archives of Amélia Rodrigues were scattered not only across Bahia but also in the rest of states of Brazil (but if not in one place, it is still possible to work on them). In the case of Maria Augusta Guimarães, the situation is even more ungrateful since her book, which was published a few years after her death; we only have the register of the publication. Her archives are not place in any public place and it is not possible to make contact with her family. So here we have different strategies and different ways of working with the archives. or even better as the epigraph states “ there are many things which because of the contingencies of time and what comes after can never have their course in history plotted.

**Keywords:** Feminine. Amélia. Archives.

<sup>1</sup> Professora aposentada e atuando n NEIM e nos PPGLitC e PPGNEIM da Universidade Federal da Bahia, pesquisadora PQ-Cnpq. iviaalves@uol.com.br

Há escritores/as que conseguem em vida sua glória. Outros a conseguem após a morte. Mas há muitos, centenas de escritores e escritoras, que pelas contingências do seu tempo e dos posteriores que jamais conseguem um momento em que se ilumine sua obra.<sup>2</sup>

Este artigo tem por objetivo evidenciar a dificuldade de se entender e interpretar a obra de duas autoras de séculos anteriores e reconstituir suas trajetórias, quando temos em mãos um acervo (precário), mas disponível, ou apenas uma publicação<sup>3</sup>.

Amélia Rodrigues e Maria Augusta Guimarães são duas escritoras baianas que podem exemplificar esse procedimento. Apesar de ambas terem vivido a maior parte de suas vidas no século XIX, apenas se conseguiu encontrar o acervo de Amélia Rodrigues.

E é interessante mostrar como foi salvo o material que ela guardava sobre sua produção. Tendo vivido os últimos anos no Rio de Janeiro, às voltas com publicações dos Salesianos e da recém criada Editora Vozes, Amélia Rodrigues ainda tinha tempo para percorrer cidades divulgando, através de palestras, a situação das mulheres dentro da sociedade. Estimulava-as a se reunirem em grupos para atuar na sociedade, seja publicando revistas, seja em associações que oferecessem oportunidades financeiras e de educação para as mulheres mais pobres. Atendendo a esse apelo, Henriqueta Martins Catharino (1886-1969), que iniciou suas ações tendo como meta “a mulher que trabalha” e inspirada no feminismo e nas ideias de Amélia Rodrigues, criou, em 1937, um complexo educacional chamado Instituto Feminino da Bahia, que agregou a outras ações anteriores, como casas de costuras e centros comerciais, que ministravam cursos não formais e visavam a colocação das jovens no mercado de trabalho. As profissionais eram moças pobres de Salvador ou que vinham do interior do Estado (de famílias arruinadas), aprendiam o ofício e tinham uma profissão digna que as sustentava<sup>4</sup>. Ao lado dessas ações, seu colégio, construído na divisa entre os bairros ricos e o centro de Salvador, que ocupava dois quarteirões e foi edificado seguindo a arquitetura inglesa

<sup>2</sup> Este ensaio engloba alguns trechos do meu artigo intitulado “O acervo de Amélia Rodrigues” (p.69). Vide Referências.

<sup>3</sup> A paladina acrescentada ao nome de Amélia Rodrigues refere-se a sua primeira revista fundada na Bahia que se intitulava **A Paladina**, de 1910.

<sup>4</sup> Uma nota maior sobre a atuação de Henriqueta Catharino e o arquivo de Amélia Rodrigues encontra-se publicada no artigo “O acervo de Amélia Rodrigues”, no livro **Memória cultural e edições** (Org. Albertina Ribeiro da Gama, Célia Marques Telles, Ivia Alves). Salvador: EDUFBA/PPGLL, 2000.

para essa finalidade educacional e tinha como objetivo instruir as meninas da classe média alta e alta do Estado. Além de ter várias salas de aulas, o prédio, em torno de um jardim e avarandado, tinha no andar térreo um amplo salão de chá (à moda inglesa), uma cozinha e uma biblioteca (à moda inglesa); uma escada levava ao primeiro andar e aos quartos do pensionato de moças que trabalhavam fora e moravam ali. Tudo isso envolvido com a disciplina e o recato da época (provavelmente vitoriana), pois as pensionistas não podiam chegar além das 20 horas. O currículo da escola primária e secundária (correspondendo hoje ao fundamental completo) se diferenciava, por incluir contabilidade, maneira que a diretora via de formar uma mulher para o casamento<sup>5</sup>.

A relação entre Amélia Rodrigues e Henriqueta Catharino, esta proveniente de uma das famílias mais ricas da Bahia, era muito estreita. Amélia Rodrigues (1861-1926) foi a mentora e fomentadora principal da atuação de Henriqueta Catharino. Daí que, com carinho e cuidado, logo após a morte da amiga, Henriqueta Catharino levou todo o acervo, que estava na humilde casa do Tororó de Amélia, para a biblioteca do Instituto Feminino, tornando-se assim a guardiã do acervo da escritora que morrera, depois de uma breve enfermidade, em 22 de agosto de 1926. Como Amélia não tinha descendentes diretos, Henriqueta Catharino levou para o então iniciante Instituto Feminino toda a sua biblioteca, mas não se tem registro se fez ou não uma relação do que existia na casinha do Tororó. Daí não se ter conhecimento se determinados livros e revistas brasileiras e muitas estrangeiras que constam da Biblioteca do Instituto foram desse acervo. Henriqueta Catharino faleceu em 1969, e a instituição passou a ser uma fundação, cuja direção vem a ser de um padre.

A importância de Henriqueta Catharino para nosso artigo é ela ter guardado por todos esses anos na Biblioteca, em um baú, o material disperso e esparso de Amélia Rodrigues, que, em 1988, foi acidentalmente descoberto pela pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Elizete Passos, que na época pesquisava o Instituto para sua dissertação de Mestrado. Estando esta a realizar seu trabalho de pesquisa naquela instituição, percebeu que se estava “limpando a Biblioteca” e, entre revistas antigas, ela

<sup>5</sup> Atualmente, o Instituto Feminino da Bahia é uma entidade pioneira na preservação da memória feminina, bem como em sua formação e educação. Fundada por Henriqueta Martins Catharino, em 1923, é hoje uma instituição que abriga dois museus e um riquíssimo acervo de peças históricas, estando localizada em Salvador (Bahia).

viu duas malas que estavam destinadas ao lixo. Curiosa, ela se interessou em ver o que continha essas malas e encontrou todo o acervo de Amélia Rodrigues<sup>6</sup>. Imediatamente, dirigiu-se ao diretor da casa e mais tarde, com o auxílio do CNPq, conseguiu fazer o Projeto intitulado “Arquivo Pessoal de Amélia Rodrigues”<sup>7</sup> (1990-1991) para a devida catalogação e classificação do material encontrado.

Em 1994, ao me filiar ao NEIM, já me destinei a esta tarefa: pesquisar e analisar o acervo preservado de Amélia Rodrigues. O mais interessante é que a autora já fazia parte de minhas preocupações literárias, interrompidas pelo doutorado, e aceitei de muito bom grado iniciar essa difícil tarefa. Catalogado estava o material, mas não estava lido e literariamente classificado<sup>8</sup>.

Evidentemente que o material, guardado por 50 anos, estava em estado lastimável, principalmente por existirem, no mesmo espaço, muitos manuscritos e impressos – recortes de jornais e de suas próprias publicações, além de fotos. A bolsista de Aperfeiçoamento que trabalhou no projeto anterior, com o auxílio do CNPq, era historiadora, organizara o material da melhor forma que pôde, acondicionando-o em caixas de arquivo de papelão e com a seguinte classificação:

Caixa arquivo I – Biografia, artigos sobre a autora (constituída de duas pastas com os 3 trabalhos que ganharam o prêmio do Instituto Feminino pelo centenário de nascimento da autora e realizados pelas alunas do próprio Colégio em 1961); vários cartões e notas de periódicos locais sobre seu falecimento; matérias de jornais locais sobre a criação do município de Amélia Rodrigues e correspondência de terceiros;

Caixa arquivo II – Artigos e livros sobre a autora, além de cartões, fotografias e correspondência recebida;

Caixa arquivo III – Artigos e trabalhos da autora em duas pastas, além de recortes de jornais e mais um livro;

Caixa arquivo IV – Artigos e recortes sobre a autora em duas pastas;

Caixa arquivo V – Produção literária da autora: impressos, contendo discursos, revistas, artigos destacados das revistas, textos dispersos (sem

<sup>6</sup> A dissertação da professora da UFBA Elizete Passos intitula-se *Mulheres moralmente fortes* (Salvador: Gráfica Santa Helena, 1993).

<sup>7</sup> O referido projeto foi coordenado pela pesquisadora Cecília M. B. Sardenberg que obteve uma bolsa de aperfeiçoamento do CNPq para a recém-graduada em História Maria Thereza Navarro de Britto.

<sup>8</sup> Projeto Amélia Rodrigues

condição de identificação de local de publicação);

Caixa arquivo VI – Recortes de jornais (a autora tinha hábito de recortar notícias sobre temas que a interessavam);

Caixa arquivo VII – Manuscritos (artigos, poesias, biografias, traduções, em cadernos ou em folhas soltas);

Caixa arquivo VIII – Manuscritos contendo 2 pastas (conferências, anotações, poesias, peças e estórias).

Em 1995, junto com uma equipe de voluntárias e alunas de Iniciação Científica, passei a frequentar a biblioteca (apesar da burocracia e dos horários restritos) e comecei a tomar conhecimento dessa classificação. Percebi imediatamente que, após a classificação e alocação do material, o acervo fora preservado precariamente e vinha sendo danificado pelo tempo (e por pessoas), o que exigia muito cuidado em seu manuseio, pois a biblioteca não era climatizada. Por outro lado, depois de cinco anos, vários documentos e livros haviam desaparecido completamente ou foram, criminosamente, recortados com tesoura ou gilete. Um dos exemplos mais gritantes foi encontrar, na relação do projeto, o primeiro livro de Amélia Rodrigues, intitulado **Filenila**, um longo poema publicado, contendo de 20 a 30 páginas e que, infelizmente, foi retirado do conjunto e nunca mais achado. O importante desse poema é que seria o primeiro livro da debutante literária e peça fundamental para a análise em perspectiva de sua futura ou não trajetória. O livro não existe mais e nem foi encontrado na época em que se desenvolveu a pesquisa (1995-1999) em nenhuma biblioteca pública local. Assim se perdeu a obra inaugural da escritora, que poderia já apontar algumas de suas temáticas e características.

A pesquisa se desenvolveu no Instituto Feminino por cerca de um ano e meio, não só lendo como transcrevendo cada documento manuscrito e fazendo a reprografia dos datiloscritos, inclusive folhas de periódicos. Demos muita atenção aos manuscritos que continham resumos, ideias, desenvolvimentos de peças ou contos, etc.

Assim foi possível obter outra classificação na perspectiva literária, que passo a transcrever a partir do artigo da ex-bolsista de Iniciação Científica, atualmente a Doutora Alessandra Leila Borges Gomes (e também escritora Alex Leila):

O acervo da autora consta de poesias, contos, peças teatrais, conferências, cartas e artigos para revistas e jornais, cadernos de pensamentos e citações, trechos de romances, crônicas, traduções e biografias, bem como de manuscritos de obras editadas e inéditas, alguns de grande importância como é o caso do manuscrito da peça teatral *Fausta*, de 1886. E foi a riqueza desse acervo que revelou as diversas possibilidades que oferece o estudo da produção intelectual de Amélia Rodrigues. (GOMES, 1988, p.181).

Através dos recortes de impressos, principalmente de periódicos, foi possível verificar sua trajetória literária, obrigando-nos a buscar, em outros locais fora da Bahia, essas fontes, desde que se soube que ela fora editora das *Leituras Católicas* e *Leituras Religiosas*, no momento em que os Salesianos se instalaram no Rio de Janeiro e ela se mudou para Niterói, local da tipografia. Este seria o local mais confiável para encontrar sua produção<sup>9</sup>.

Mas não se pode trabalhar com escritoras que nasceram em 1800, sem utilizar como instrumental as condições de produção e também o contexto da época. E assim foi feito, e pudemos descobrir por que essa estreita relação com a Igreja, além de sua família parental ter tido padres e sua formação informal ter sido orientada por eles.

A estreita relação de Amélia Rodrigues com a Igreja adveio das próprias condições de produção e do meio social conservador de Salvador e de Santo Amaro. Depois das primeiras letras, ela foi orientada por um primo, que era padre perto da cidade na qual ela morava e aprendeu línguas estrangeiras, inclusive alemão. Sua formação formal só foi realizada quando ela tinha quase 16 anos, quando passou a frequentar a escola, formando-se em professora primária. Logo veio o concurso público, no qual tirou o primeiro lugar, fato noticiado em jornais de Salvador. Trabalhou em torno do município de Santo Amaro e começou a escrever, enviando essas produções para o jornal da região. Enquanto ela era jovem professora, vivendo sob a proteção do pai, ela pôde introduzir-se como escritora “respeitável” e aceita pela sociedade. Durante quase dez anos, ela escreveu tanto para o **Echo Santamarense** (periódico conservador de Santo Amaro, mas que possuía uma coluna literária que não sofria pressão ideológica), e também para jornais de Salvador. Nesse meio conservador, sua primeira peça “*Fausta*” (embora

<sup>9</sup> Na realidade, também não o foi, pois muitos números dessas revistas estavam faltando, apesar de constar em fichas.

não publicada) foi encenada com sucesso em Santo Amaro, embora sua temática contestasse a ideia ou ideologia local. Enquanto a elite escravagista açucareira aderiria à tese de que o escravo não podia ser independente, e tinha de ser sempre guiado (pois as teorias mostravam que eles não conseguiam aprender nem ser instruídos), “Fausta” mostrava e tematizava o oposto: coloca um escravo como personagem que guia a jovem dona de engenho e que fora criado e instruído da mesma maneira que o pai da jovem, o qual, ao morrer, deixa o escravo como seu mentor<sup>10</sup>. Parece-me que os escritos de Amélia Rodrigues, nesses primeiros dez anos, são bastante contestadores da situação local, estando voltados para o questionamento da classe dominante, da grande distância entre estamentos sociais que poderiam ser colocados como marginais naquela sociedade de barões do açúcar: eram, assim, os pobres brancos, os mestiços e os escravos. Vários poemas também chamam a atenção para a situação do escravo, as regras sociais impostas às mulheres e a pobreza que rodeava os grandes engenhos da região.

Embora alguns autores se refiram a uma doença em 1891, que a impediria de produzir, na verdade, é por essa época que Amélia Rodrigues perde seu esteio, sua “respeitabilidade” para a cena literária, com a morte do pai um ano antes. E, sendo oriunda de família pobre, professora primária, solteira, ela não terá condições de permanecer influenciando no âmbito social com sua produção literária. O que é certo é que ela faz outro concurso público para a Cidade do Salvador e aqui se instala. Embora não haja pesquisa que possa comprovar, parece que, nos três anos seguintes, a escritora vai-se valer de pseudônimos – Borboleta, Zé d’Aleluia, Marphisa, Juca Fidelis – para continuar escrevendo pequenas colunas em prosa. É por essa época que os Salesianos fundam sua tipografia em Niterói e começam a publicar revistas semanais e quinzenais dedicadas às mães de família, que a Igreja considerava como o esteio da religião dentro da família e da educação dos futuros cidadãos. Sendo assim, Amélia Rodrigues escreve para os Salesianos que, por sua vez, estavam sedentos de escritores/as laicos/as para criar novas seções em suas revistas. Amélia Rodrigues consegue penetrar nesse ambiente religioso, tendo a religião e os conhecidos como fator de prestígio e de proteção. Basta se ver sua estratégia, ao iniciar a primeira das inúmeras

---

<sup>10</sup> A peça “Fausta” (1886), encontrada no seu acervo em manuscrito (provavelmente copiado por outra pessoa pela grafia existente), foi impressa integralmente no livro Amélia Rodrigues: itinerários percorridos.

crônicas escritas a Artêmia, uma personagem idealizada, uma freira amiga, para quem ela escreve comentando os fatos que aconteciam aqui fora:

[...] ia eu em caminho de renunciar ao prazer da correspondência, quando achei para o problema uma solução arquimedal, e disse com os meus botões – vou bater à porta das ‘Leituras’, esse mimo de imprensa religiosa e pedir-lhe um cantinho onde dirigir-me a Artêmia, [...] isto, sim senhora, nem mais nem menos: simplesmente um arrojo. E se as ‘Leituras’ me mandarem plantar batatas?... Se me disserem que no salãozinho perfumado não tem ingresso quem deseja palrar por desfastio e que vá papaguear a outro ramo? Fico de asas cortadas! [...] Quem não arrisca nem perde nem ganha. Insuflei-me de ânimo e lá fui. A condescendência com que me acolheram prova e de sobra o fato de estar eu aqui, de te achares tu a destrinçar toda essa enfiadeira de frioleiras alinhadas pela minha penazinha, que não saiu precisamente da oficina onde se fabricou... a de Rui Barbosa.<sup>11</sup>

É através dessa negociação que sua trajetória literária passa a se desenvolver, tornando-se, definitivamente, uma escritora polígrafa<sup>12</sup>, isto é, que opera com vários gêneros. E com a proteção religiosa, ela vai poder publicar livremente, independente de nome de família ou conhecimento de seus pares intelectuais<sup>13</sup>.

No seu acervo, encontramos quase todos os seus livros ou artigos destacados dos periódicos católicos, não constando apenas a coleção **Leituras Religiosas, Leituras Recreativas e Leituras Católicas**, das quais ela foi editora e autora<sup>14</sup>.

Os cadernos de pensamentos, esboços de crônicas, romances, além de partes de traduções em várias línguas, conferências integrais e variações ou parte delas e artigos ainda se encontram para estudo. Também existe um

<sup>11</sup> A. Rodrigues começou a escrever semanalmente na revista utilizando-se do gênero da correspondência na qual Dinorah (a escritora) comenta fatos acontecidos na semana para uma freira, com o título de “Cartas a Artêmia”. Tais crônicas foram reunidas posteriormente em livro – **Cartas a uma amiga** – publicado em 1902. Não encontramos exemplares, apenas a indicação.

<sup>12</sup> Preferi o termo no feminino, embora não esteja grafado nos dicionários de língua portuguesa.

<sup>13</sup> Mas, talvez, essa proteção a tenha desviado de um comprometimento maior com suas próprias ideias originais.

<sup>14</sup> Mais tarde, entre 2000 e 2004, a ex-bolsista Milena Britto de Queiroz ficou responsável em resgatar toda a parte de peças escritas pela autora e que se encontra no acervo dos Salesianos, no interior de Minas Gerais. De suas pesquisas, resultou o estudo do primeiro romance da autora, **O Mameluco**, publicado por capítulos no Jornal **Echos Santamarense**; no doutorado, ela recuperou toda a produção em prosa – peças teatrais e a poesia, inclusive **Flores da Bíblia**, escrita a Bíblia em versos [Vide currículo da pesquisadora; em breve, esse material estará on line].



caderno de transcrições de trechos de autores estrangeiros que provavelmente deveriam ser aproveitados em seus trabalhos<sup>15</sup>.

Em cadernos, também temos peças (ao que parece, não publicadas<sup>16</sup>), mas já com títulos como “Vida intensa”, “Um passeio proveitoso”, “Um (O) castigo”; traduções de vidas de santos e esboços de crônicas com o título “Impressões” e “Bem vinda”, que eram publicadas em jornais com o título de “Cenas e palestras”<sup>17</sup>. Muitas crônicas publicadas não se encontram no seu acervo, embora saibamos que ela não só publicou com seu nome, mas se desdobrava, pelo menos, em mais cinco ou seis pseudônimos.

Assim, atualmente, conseguimos (quase) resgatar toda a produção de Amélia Rodrigues que se encontra dispersa entre a biblioteca do Instituto Feminino da Bahia, a Biblioteca Nacional, os periódicos **Leituras Religiosas** e **Leituras Católicas**, que devem constar do acervo da Congregação Salesiana, em Barbacena, Minas Gerais. Também a dissertação de Milena Queiroz resgata das folhas do jornal **Echo Santamarense** a novela **O mameluco**, objeto de sua dissertação, além de trechos de peças e poemas encontrados em Barbacena. Ainda há cartas da autora para o Padre Sinzing quando, em parceria, faziam mais de um livro, sendo o mais conhecido **Através dos romances**: guia para as consciências, um tipo de veto de livros para os/as católicos/as, no Convento de São Bento, em São Paulo<sup>18</sup>.

Sem a leitura dos manuscritos de Amélia Rodrigues, o que se poderia ter era um perfil de uma mulher muito religiosa, voltada apenas para trabalhar para a Igreja e pela religião católica, sem muitos conhecimentos e análise do novo ideário que vinha do mundo de fora, como, por exemplo, o primeiro movimento feminista.

Tomo de empréstimo as palavras de Alessandra Gomes, que examinou profundamente os recortes e manuscritos:

Não quero dizer com isso que a escritora não selecionasse e mesmo censurasse tais notícias, suas reflexões vêm justamente

<sup>15</sup> No entanto, tal material não foi utilizado, o que requereria muito mais tempo do que o prazo do projeto

<sup>16</sup> Uma conferência entre as peças encontradas em Barbacena – sede atual dos Salesianos – e esses cadernos poderia tirar as dúvidas, mas é um estudo a ser feito.

<sup>17</sup> Também não exploradas.

<sup>18</sup> O acervo de que podemos informar o local para a pesquisa será detalhado ao final do ensaio. Aparecida Paiva trabalhou com o livro e as cartas de ambos na tese de doutorado, publicada em livro, 1997, com o título **A voz do veto**: a censura católica à leitura de romances.

comprovar isso. Ainda que se interessasse pelas conquistas do movimento feminista, Amélia Rodrigues defendia e acreditava na divisão de papéis imposta pela sociedade à mulher. Mas, como as suas leituras não se restringiam a periódicos nacionais (há números inteiros do jornal *El Eco*, de língua espanhola, e recortes dispersos de periódicos franceses que não puderam ser identificados por estarem sem as devidas indicações), os artigos, crônicas e conferências da escritora estão recheados de uma busca intensa pela informação, assim como também se faz perceptível a preocupação de selecionar tais informações em função dos princípios éticos e religiosos da Igreja Católica. No entanto, percebo a ambigüidade em seu discurso a partir de seu interesse pela condição da mulher na sociedade, uma vez que é esse interesse que procurava dar validade às reivindicações dos movimentos feministas seculares. Amélia Rodrigues era uma religiosa, escrevia com o aval da Igreja, mas defendia, com um invejável poder de articulação, o direito da mulher à educação formal e ao voto, bem como a sua necessidade de migrar para a esfera pública. (GOMES, 1988, p.182).

Na verdade, pela sua produção, ainda muitos estudiosos baianos ou não das áreas de Humanas têm-se atado à posição de que a autora não tinha pensamentos progressistas nem era a favor de a mulher tomar as rédeas de sua vida. Mas novamente seus manuscritos declaram outra versão, segundo Gomes (1988 p.185-186):

A escritora também esboça em sua produção paraliterária uma noção bem clara sobre o tipo de público para quem escrevia. E é a consciência da natureza específica de seu público que fez com que, em muitos dos manuscritos de conferências presentes no acervo, Amélia Rodrigues modificasse tanto a linguagem quanto as idéias e informações a respeito de assuntos polêmicos como o “feminismo”, por exemplo. As modificações se davam através de cortes e reelaboração de parágrafos que ela considerava avançados para um público mais conservador. Há, no acervo, o manuscrito de um texto sem data, originalmente criado para uma conferência destinada a uma platéia carioca, que é reescrito e censurado pela própria autora quando, mais tarde, o apresenta diante de uma platéia baiana. Ela readapta a conferência cortando as passagens do texto em que fala e defende diretamente o feminismo, talvez por entender que o público baiano (mais conservador que o do Rio) ainda não estava preparado para a discussão desse assunto. Entretanto, é através de Amélia Rodrigues que a maior parte das mulheres baianas daquela época vão ter conhecimento do

movimento feminista e do papel que poderia lhes caber dentro de tal processo. O acompanhamento que a escritora fazia sobre o avanço do feminismo na Europa e Estados Unidos é o que mais se destaca na sua coleção de recortes. Tal acompanhamento não se restringe à extração de notícias dos jornais e revistas, uma vez que existem também muitas citações de outros escritores a respeito da condição feminina, bem como recortes de notícias sobre publicações que abordavam o assunto ou estavam ligadas ao universo feminino.

Mas à medida que se lê as várias versões de um dos mais inflamados discursos, “Ação social feminina”<sup>19</sup>, a favor da mulher e de suas tarefas fora do lar é que iremos perceber o tipo de negociação e as estratégias por ela empregadas para permanecer ao mesmo tempo sob proteção da Igreja e a forma exata de passar sua mensagem às senhoras ouvintes. Existe um exemplo entre seus manuscritos. O discurso escrito para o Rio de Janeiro, cidade cosmopolita, é muito mais explícito sobre o que deveriam ser as atribuições das mulheres (e não ser apenas as saídas para compras de roupas, de festas, de chás e confeitarias, o que seria um modo de viver burguês). O estudo era importante, as reuniões para reflexões também, assim como a discussão de temas que se passavam no mundo. No entanto, quando esse mesmo tema vai ser tratado em Salvador, Rodrigues faz a mediação para as senhoras baianas, oferecendo apenas a obrigação de manter os asilos e reuniões para costura de roupas em favor dos pobres. Essas estratégias sempre foram a base da trajetória de Rodrigues, ora ela tendia para a situação da mulher no mundo laico, exigindo-lhe uma atuação mais decidida, ora ela modulava seu discurso para atividades em torno da Igreja. Seus escritos indicavam, plenamente, que ela sabia e tinha perspicácia sobre seu público e como andar na corda bamba para não sair da ética religiosa.

Portanto, lendo sua produção impressa e seu acervo, principalmente a parte de recortes, seus cadernos e seus esboços de palestras, talvez possamos nos perguntar como seria Amélia Rodrigues se as condições de produção do contexto não fossem tão adversas às mulheres escritoras. Como escreveria? Quais seriam os seus temas? Precisaria de tantas estratégias para mostrar como as mulheres não deveriam deixar-se ficar limitadas aos papéis de mãe

<sup>19</sup> O discurso está comentado no livro **Amélia Rodrigues: itinerários percorridos**, bem como estão transcritos trechos do artigo inaugural de **A Paladina**, a primeira revista baiana escrita por mulheres em 1909.

e esposa impostos pela modernidade?

Sua trajetória me parece ambígua, pois se desde os primeiros momentos apresenta-se como uma escritora libertária, lutando contra a condição do escravo, da pobreza, da marginalidade, dos meninos de rua, depois de sua aproximação com a Igreja (única forma de sobreviver escrevendo), volta-se para os anseios da religião católica. E, retomando minha fala de tempos atrás, posso dizer que sua atuação na cena literária e sua produção sofreram de duas perversas escamoteações: a primeira, a de ser uma mulher, branca e pobre, condição que a colocava na sociedade local como uma pessoa de segunda categoria; a segunda é ter de agir a partir de uma proteção, ficando sua literatura atravessada pela ideologia religiosa. Talvez isso explique por que ela deixou de escrever versos e passou a escrever crônicas e contos, além de peças teatrais (pedagógicas) para crianças, enquanto, nos seus primeiros dez anos, temos poemas reivindicatórios, uma peça que inverte a ideologia dos senhores de engenho locais e um romance **O mameluco**, que denuncia onde está e por que vive precariamente o mestiço, o “Moacir” de José de Alencar (uma interpelação muito interessante ao romance **Iracema**).

Sua militância e a transmissão das ideias feministas da época ficam apenas explícitas para as palestras e conferências (algumas publicadas) que faz entre o Rio, Niterói e Salvador<sup>20</sup>.

### **A ESCRITORA RESGATADA PELA FAMÍLIA**

Por outro lado, é muito difícil traçar um perfil da escritora de um único livro – Maria Augusta Guimarães – e sendo este editado postumamente. Maria Augusta Guimarães (1851-1872) vinha de família de senhor de engenho, portanto mais dominada pelas regras sociais da época. Casou e morreu muito jovem, de parto, não se sabendo se ela, na maturidade, com as novas mudanças, iria inscrever-se na cena literária baiana. A sua trajetória literária restringe-se a seu livro **Lira dos vinte anos**<sup>21</sup>, que foi organizado e editado

<sup>20</sup> Para se ter detalhadamente o estudo de seu acervo no Instituto Feminino, vide o estudo de Ivia Alves: O acervo de Amélia Rodrigues, registrado nas referências bibliográficas. Existe uma dissertação que, anteriormente ao meu estudo, já coloca Amélia Rodrigues como precursora do feminismo na Bahia.

<sup>21</sup> Idêntico título do livro de Álvares de Azevedo. Consta da Enciclopédia da Literatura Brasileira, organizada por Afranio Coutinho, mais um livro intitulado Flores e Selva, sem data nem local, que pode ser um equívoco, pois não é citado em nenhum outro livro ou dicionário.

por seu primo, amigo íntimo e estudante de medicina na época, com a ajuda do irmão. Tais informações bem como sua formação aparecem na introdução do livro, intitulada “Duas palavras” e escrita pelo primo, o escritor Eduardo Carigé.

Na verdade, os poemas da escritora vêm à luz através de Carigé, impelido pela ideia de que o poeta é um gênio inspirado (ainda na rasteira do romantismo), mas também diante da poesia escrita pelas mulheres em pleno realismo/naturalismo. O livro serviria para “moldar”, ou melhor, teria como objetivo servir de modelo para o tipo de poesia que a mulher deveria escrever diante daquele novo contexto que ele achava abominável e não apreciava ver sair tal conteúdo das mãos e vozes dessas inefáveis jovens escritoras. E escreve:

[ele] viu o alvorecer da poesia [de Maria Augusta] Não dessa poesia realista que hoje domina o espírito da mocidade e que não nos comove como o lirismo casto e puro, que nos encanta o pensamento com o rendilhado da harmonia.

Mas, para este artigo, o que é mais importante é mostrar que a seleção dos poemas que se encontram no livro foi realizada pelo escritor, embora, em nenhum momento, ele informe se houve uma seleção prévia. Parece, na verdade, ser a imagem idealizada, a própria imagem criada por ele de sua prima. Portanto não houve o controle da autora e provavelmente podem ter sido censurados tanto por ele quanto pelo irmão, dado o objetivo que tem a **Lira dos vinte anos**. Ainda mais, não é possível que, em quatro anos de atividade literária, Maria Augusta Guimarães tenha apenas escrito trinta e três poemas, habilmente elaborados, fato que implica experiência e trato com a palavra e o verso<sup>22</sup>. A lista de poemas não parece de alguém iniciante, mas não sabemos por que outros textos de seus cadernos foram excluídos. Os selecionadores passam, através dos poemas, um perfil de uma mulher idealizada, com todos os toques convencionais de uma mulher de sua classe: delicada, suave, contida, reservada e pura. Será ela mesma, a leitora de tantos poemas questionadores de autores seus escolhidos?

As epígrafes dos poemas mostram uma extensa leitura de poetas

<sup>22</sup> Trechos retirados do artigo “Os entraves e conflitos da produção de autoria feminista: Maria Augusta Guimarães”, de minha autoria. Vide Referências.

românticos, tais como Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Chateaubriand, Tibúrcio Vallasques, Guimarães Júnior, Almeida Garrett. Também consta uma poetisa, Narcisa Amália, que ela deve ter lido através dos vários periódicos que circulavam na época<sup>23</sup>. Não se tem notícia como a jovem escritora teve acesso a esses livros, mas era comum, na educação informal das jovens, que o círculo de amigos ou, no seu caso, o próprio primo, que passava as férias no engenho, fosse o mensageiro e mediador desses livros.

Em meu artigo, questiono: “Seus versos, pelo menos aqueles que constam do livro, são predominantemente subjetivos, dentro das regras e limites possíveis para uma moça de família, porém demonstram segurança e regularidade na escrita. Tratam da descrição da natureza, do amor à Pátria, da tristeza e da morte prematura e também do amor – este já endereçado ao noivo”<sup>24</sup>. De qualquer modo, mostramos aqui a dificuldade de perceber o perfil de escritores/as, mas, principalmente, das produções de autoria feminina quando não se tem seu acervo, seu contexto, sua biografia. Não se pode saber se as condições de produção e seu contexto cultural tiveram importância para sua formação literária. Assim, pode-se questionar ou mesmo afirmar que Amélia Rodrigues teve grande atuação e que, apesar das ideias avançadas, teve de aceitar certas condições para poder colaborar nas edições religiosas. No caso de Maria Augusta Guimarães, não há possibilidade de se traçar sua trajetória literária. Veem-se, assim, as dificuldades de análise, de crítica e de interpretação da produção de autoria feminina nesse período.

## ***O ACERVO DE AMÉLIA RODRIGUES***

### – Locais:

Instituto Feminino Salvador, Sede geral dos Irmãos Salesianos em Barbacena (MG), Biblioteca Nacional (RJ)<sup>25</sup>.

<sup>23</sup> A primeira edição do primeiro livro de Narcisa Amália foi publicada em 1872, último ano de vida de Guimarães.

<sup>24</sup> João Batista Guimarães Cerne foi também poeta. Publicou **Favos e travos** (Recife, 1869).

<sup>25</sup> Não esquecer que existem cerca de 54 cartas escritas de Amélia Rodrigues para o Padre Sinzing, seu parceiro da elaboração do livro **Através dos romances: guia para as consciências**. (Petrópolis, Vozes, 1923), falando sobre o que as senhoras católicas podiam ler. Aparecida Paiva escreveu a respeito desse guia em seu livro **A voz do veto: a censura católica à leitura de romances**. Belo Horizonte, Autêntica, 1997.

– Produção impressa:

• EM VERSOS:

**Filenila\*** (Bahia, 1883)<sup>26</sup>;

**Bem-me-querer** (Bahia: Escolas Tipográficas Salesianas, 1906) (IFB);

**Catecismo em Cânticos** (Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1925 (BN); segunda edição: 1941);

**Flores da Bíblia** (Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1923. v.1 (BN); Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1933. v.2 (Edição Póstuma) (BN);

• LIVRO DE CONTOS:

**Do meu arquivo:** contos e fantasias ([s.l.: s.n.], 1913; segunda edição: Bahia: Livraria N. Senhora Auxiliadora, 1929) (IFB);

• ROMANCES:

**O mameluco** (escrito como folhetim no semanário Echo Santamarense, Santo Amaro, de 1º a 30 de dezembro de 1882);

**A promessa** (Niterói: Escolas Tipográficas Salesianas, 1896; segunda edição: Leituras Religiosas, Niterói, Escolas Profissionais Salesianas, ano II, n.83, fasc. XI, nov. 1914);

**Mestra e mãe.** ([s.l.:s.n.], 1898; terceira edição: Petrópolis: Ed. Centro da Boa Imprensa, 1925; quarta edição: Bahia: Livraria Ed. N. S. Auxiliadora, 1929);

**Das Verfpprechen** (Tradução para o alemão de A promessa, versão de Lehmann, 1903\*);

**Um casamento à moderna** (Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1924);

• PROSA LITERÁRIA:

**Cartas a uma amiga** (reunião das crônicas de Dinorah a Arthemina; 1902\*);

• BIOGRAFIAS:

**Uma flor do desterro** (Biografia de Madre Vitória da Encarnação; Niterói: Escolas Profissionais Salesianas [n.d.]);

• TEATRO<sup>27</sup>:

**Fausta** (Drama em 4 atos encenado no teatro de Santo Amaro em 1886)<sup>28</sup>;

**A natividade** (Drama sacro encenado em 1889, com música de R.

<sup>26</sup> O asterisco após o título indica que não foi encontrada nem consultada a produção e que será grafado assim de agora em diante. Temos apenas a primeira página do texto ou indicação em dicionários.

<sup>27</sup> Foram encontradas na Fundação Instituto Feminino (FIF) 10 peças, embora tenhamos a indicação no acervo de, pelo menos, 35 peças publicadas para crianças (além de monólogos) e 5 traduções de peças de teatro. As outras indicações foram encontradas na Biblioteca nacional e na sede dos irmãos Salesianos

<sup>28</sup> Publicada integralmente em Amélia Rodrigues: itinerários percorridos.

Domeneck e cenários de Lopes Rodrigues);

**A caridade; A porfia das flores** (*Leituras recreativas*, Bahia, Tip. Salesianas, n.5,1901);

**Marieta das Flores; O bilhete de Loteria; Poesias** (*Leituras recreativas*, Bahia, Tip. Salesianas, n.6,1901);

**O charlatão** (1901\*)<sup>29</sup>;

**A madrasta** (Drama em 1 ato; **Almanaque do Mensageiro da Fé**, Bahia, Tip. São Francisco, n.3, 1917);

**Borboleta e abelha** (drama; Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1921; quarta edição: Petrópolis: Vozes, ano. Coleção Palco Juvenil\*);

**Filho adotivo\***

**No campo da imprensa** (farsa) 1916

**Antes do leilão das flores:** Peças infantis (Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1922);

**Arremedos de grande tom** (Publicações dramáticas, Recife, n.8);

**A educação; O afoito e o teimoso; A loteria de Madri ou a ocasião é que faz o ladrão** (Publicações dramáticas, Recife, n.10,);

**Peças Infantis** (*Leituras Católicas*, Niterói, fasc.1, n. 232; segunda edição: 1922; contendo as peças **Hoje, amanhã; Santos amores: o meu dever; Se dependesse de mim; As duas colegas; O ramo de flores**);

Teatro Infantil (*Leituras católicas*, Niterói, fasc.2, n.236, ano; contendo as peças **Pedindo desculpas no começo de uma festa de férias; O anjo dos pobres; O pintor malgrado; A ralhadeira**);

**Almas sertanejas** (Drama nordestino em 3 atos; **Leituras dramáticas de Lavrinhas. Lavrinhas**, São Paulo: Tipografias Salesianas S. José, 1923);

**Almas sertanejas** (Drama nordestino em 3 atos; segunda edição: **Leituras Católicas**, Niterói, Escola Industrial D. Bosco, n.835, 1961);

Teatro infantil (**Leituras Católicas**, Niterói, fasc.3, 1909; segunda edição: 1924; contendo **O meu presente; As vontades de Letícia**);

**Dois gênios opostos** (*Leituras Católicas*, Niterói, Escolas Profissionais Salesianas, 1924);

**O vagabundo** (Cômico-dramático; **Publicações dramáticas**, Recife, n.121); só numeração;

**As férias; Lembranças de uma festa colegial** (**Publicações dramáticas**,

<sup>29</sup> Encontradas a ficha e a folha inicial, mas não o texto completo.



Recife); idem

**A leitora de romances** (**Publicações dramáticas**, Recife, Colégio Salesiano); idem

**O leilão das rosas** (diálogo; Bahia: Instituto Feminino, 1926);

**Progresso feminino** (Peça de teatro, 1923);

• LIVROS NÃO LITERÁRIOS:

**O ódio sem fim** (a propósito da perseguição religiosa; Bahia: Esc. Tip. Salesiana, 1901);

**A verdadeira missão social da Mulher** (Discurso; Bahia: Esc. Tip. Salesiana, 1907);

**O feminismo e o lar** (Conferência; Niterói: Esc. Prof. Salesianas, 1923);

“Ação social feminina” (Palestra; Niterói: Esc. Prof. Salesianas, 1923).

• TRADUÇÕES DE LIVROS.<sup>30</sup>

**O filho do Homem** (de Ana, Baroneza de Von Krane);

**O presépio de São Francisco de Assis** (de Frei Mateus Achneiderweth, O.F.N.);

“**O bufarinheiro**” (de Y D’Isné; **Leituras recreativas**, Bahia, Esc. Tip. Salesiana, 1902);

**A porteira celeste** (lenda de Viena);

**Responso de Santo Antonio** (Bahia: Orbe Seráfico, 1932);

Colaborou em diversos periódicos da Bahia e do Rio, sendo fundadora de **A Paladina** (1910<sup>31</sup>), **A Voz da Liga das Senhoras Católica** (1912) e fundou, em Niterói, **A Luz de Maria**<sup>32</sup>.

E, assim, concluo dizendo que, apesar de a obra estar em vários lugares, a possibilidade de consulta deu a vantagem de reconstituir os passos da escritora guerreira que foi Amélia Rodrigues. Por outro lado, a produção de Maria Augusta ficou encerrada com a família, não ajudando muito no sentido de ver sua trajetória literária e nem mesmo sua biografia.

Artigo recebido em: 02/05/2011  
Aceito para publicação: 02/10/2011

<sup>30</sup> Temos conhecimento da existência, no Mosteiro de São Bento, em São Paulo, de 54 cartas dirigidas a Frei Sinzing, seu parceiro na vigilância do que a família deveria ler.

<sup>31</sup> Em 1912, com sua saída, a nova direção passou a intitular a revista *A Paladina do Lar*.

<sup>32</sup> A consulta à Biblioteca Nacional aumentou o número de suas produções e não podemos deixar de valorizar a pesquisa de Milena Britto de Queiroz que completou o trabalho, principalmente encontrando várias peças da autora e *Flores da Bíblia*, texto longo em duas partes, escrito para a compreensão da religião pelas crianças.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ivia. A dramaturga Amélia Rodrigues. In: **ENCONTRO DA REDOR**, 5., 1996, Belém do Pará. Anais... Belém, 1996.

ALVES, Ivia. Amélia Rodrigues. In: MUZART, Zahidé.(Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. v.2, p.72-103.

ALVES, Ivia. Amélia Rodrigues: uma escritora para ser lembrada In: \_\_\_\_\_. **Interfaces; ensaios críticos sobre escritoras**. Ilhéus, Bahia: Éditus, 2005. p.161-180.

ALVES, Ivia. Maria Augusta Guimarães. In: MUZART, Zahidé.(Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX** (antologia). Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. v.2, p. 54-71.

ALVES, Ivia. O acervo de Amélia Rodrigues. In: \_\_\_\_\_; GAMA, Albertina Ribeiro; TELLES, Célia Marques (Orgs). **Memória cultural e edições**. Salvador: EDUFBA/PPGLL, 2000. p.69-80.

ALVES, Ivia. O “feminismo” de Amélia Rodrigues. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL**, 1996, João Pessoa, Paraíba. Anais... João Pessoa: ANPOLL, 1996.

ALVES, Ivia. O mameluco: um romance-folhetim de autoria feminina. In: \_\_\_\_\_. **Interfaces; ensaios críticos sobre escritoras**. Ilhéus, Bahia: Éditus, 2005. p.193-204.

ALVES, Ivia (Org. e apresentação) **Amélia Rodrigues: itinerários percorridos**. Santo Amaro: NICSA; Salvador: Quarteto, 1998 (incluindo a peça inédita Fausta).

ALVES, Ivia. Os entraves e conflitos da produção de autoria feminina: Maria Augusta Guimarães. In: **Qvinto Império**: Revista de Cultura e Literaturas de

Língua Portuguesa, Salvador, v.1, p.101-120, 1º sem. 2003.

ALVES, Lizir Arcanjo. **Mulheres escritoras na Bahia: as poetisas 1822-1918** (Antologia). Salvador, Étera, 1999.

BATELLA, Nadia G. Para um novo olhar. In: MUZART, Zahidé (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX** (antologia). Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 2004. v.2.

DUARTE, Constância Lima. O cânone e a autoria feminina. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). **Mulheres e literatura: (trans)formando identidades**. Porto Alegre: Palloti, 1997

FERREIRA, Luzilá. O outro discurso: ensaístas pernambucanas no século XIX. In: FUNCK, Susana (Org.). **Trocando idéias sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: EDUFSC, 1994.

FUNCK, Susana Bornéo. Questões da crítica feminista. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). **Mulheres e literatura: (trans)formando identidades**. Porto Alegre: Palloti, 1997

GOMES, Alessandra Leila Borges. Amélia Rodrigues e a condição feminina no final do século XIX na Bahia. In: PASSOS, Elizete; ALVES, Ivia; MACÊDO, Márcia (Orgs). **Metamorfoses:gênero na perspectiva interdisciplinar**. Salvador: UFBA/NEIM, 1988. p.181-188 (Coleção Bahianas, 3).

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

MOREIRA LEITE, Miriam (Org.). **A condição feminina no Rio de Janeiro: século XIX**. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, 1993.

MUZART, Zahidé L. Artimanhas nas entrelinhas: leitura do paratexto das escritoras do século XIX. In: FUNCK, Susana (Org.). **Trocando idéias sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: EDUFSC, 1994.

NAVARRO, Maria Hoppe et al. **Rompendo o silêncio**: gênero e literatura na América Latina. Porto Alegre: EDUFRGS, 1995.

PAIVA, Aparecida. **A voz do veto**: a censura católica à leitura de romances. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

PASSOS, Elizete. **Mulheres moralmente fortes**. Salvador: Santa Helena, 1993.

QUEIROZ, Milena Britto. **A produção literária de Amélia Rodrigues**: O mameluco. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras/PPGLL)-UFBA, Salvador, 2001.

QUEIROZ, Milena Britto, **Entre a cruz e a caneta**: a vida e a produção literária de Amélia Rodrigues. 2003. Tese (Doutorado em Letras/PPGLL)-UFBA, 2003.

QUEIROZ, Vera. **Crítica literária e estratégias de gênero**. Niterói: EDUFF, 1997.

RAMALHO, Cristina et al. **Literatura e feminismo**: propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

SAFIOTTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAMARA, Eni de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família**: São Paulo, século XIX. São Paulo: Marco Zero, 1989.

SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). **Mulheres e literatura**: (trans)formando identidades. Porto Alegre: Palloti, 1997.

TELLES, Norma. Escritoras brasileiras no século XIX. In: FUNCK, Susana (Org.). **A mulher na literatura**. Belo Horizonte: UFMG, 1990.